

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

5

INSCRIÇÕES 16-20



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1983

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto “VBI ERAT LVPA”
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

ÁRULA VOTIVA DA ERICEIRA (*Conventus Scallabitanus*)

FOTOS 16.1 e 16.2

Conserva-se, no Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira, uma árula de calcário metamórfico rosado, bastante deteriorada, que foi encontrada há cerca de trinta anos num muro dos jardins duma casa que fora dos Morgados da Ericeira, na Rua Luís Quaresma; o actual proprietário, Senhor José dos Santos Caré, ofereceu-a ao museu.

Dimensões: $35 \times 14,5 \times 12$.

Campo epigráfico: $7 \times 9,5$.

ATILIA · PVB[LII] / [F(*ilia*)] · AMO[ENA] · FONTI / A(*nimo*)
L(*ibens*) [P(*osuit*)]

Altura das letras: l. 1: 1,4; l. 2: 1,7; l. 3: 1,6; l. 4: 1,5.

A parte superior da árula é constituída por duas volutas e um frontão; não se observam vestígios de decoração nem do *foculus*. O texto, provavelmente aberto a estilete, começa a 2 cm abaixo da moldura do capitel e a sua última linha fica a 4,5 cm da linha de junção do fuste com a moldura do soco; à direita, por deterioração, desapareceram vários caracteres. Na primeira linha ainda são perceptíveis as linhas de orientação de escrita.

O gentílico da dedicante é conhecido na região (*CIL*, II, 274 e J. Fontes, *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, 3.^a ed., Sintra 1975, p. 35) bem como o seu cognome, *Amoena* (cf. J. UNTERMANN, *Elementos de un Atlas antroponímico de la Hispânia antigua*, Madrid, 1865, p. 55). Quanto ao culto: sabe-se que frequentemente, com *Fons*, aparece, na fórmula da invocação, um locativo que individualiza a água cultuada e, também, a referência a um *genius* e/ou a *nymphae* da fonte (cf. *CIL*, II, 5726 e 5084); no caso desta inscrição não temos esses elementos — aparece-nos, unicamente, *Fonti*, forma que embora menos comum é também conhecida (cf. *CIL*, VI, 149 (Roma), *CIL*,



ФОТО 16.1



Foto 16.2

X, 6481 (It. Reg. I), *CIL*, IX, 665 (It. Reg. II) e *CIL*, II, 2005 (= *Fonti divino*); pode admitir-se que em vez de *Fonti* pudesse ter lá estado *Fontibus*, forma no plural que o espaço consente e é igualmente conhecida (*CIL*, II, 466).

Apesar das suas reduzidas dimensões, a apontar para um acto privado de culto, e do péssimo estado de conservação com que chegou até nós, esta árula apresenta, no traçado das letras, características formais que são muito próximas das da inscrição de *C. Iulius Celsus* (Museu de Odrinhas), datável dos fins do séc. II (cf. M. CARDOZO, *Catálogo das inscrições lapidares do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Sintra 1956, p. 55-57), o que sugere uma datação semelhante⁽¹⁾.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

(1) Aos Senhores Joaquim de Almeida Marrão e Joaquim Cascais Franco, diligentes e entusiastas responsáveis pelo Museu da Ericeira e a quem principalmente se deve a iniciativa desta notícia, agradeço todas as informações que me prestaram.

UMA INSCRIÇÃO VOTIVA
DE SANTA EUFÉMIA (PINHEL)
(*C. Scallabitanus*)

Foto 17

Na aldeia de Santa Eufémia, freguesia do mesmo nome, concelho de Pinhel, existe em casa do Sr. José Augusto Carapito uma ara votiva, cuja proveniência exacta se desconhece.

Em granito da região, branco acinzentado com manchas róseas, esta ara encontra-se bastante deteriorada, apresentando uma linha de fractura na parte posterior, que se prolonga pela face lateral esquerda e campo epigráfico, ao nível da terceira linha. Verifica-se além disso, a presença de líquenes no capitel, na zona de fractura, nas faces laterais e parte posterior. Como é possível constatar, a face epigrafada sofreu, também, os efeitos da erosão.

Decorado com dois toros paralelos, o capitel não deve ter tido nem frontão, nem volutas. É visível, ainda, o fóculo central circular. Separados por um filete, a base apresenta, igualmente, dois toros paralelos. Não há, porém, sinais visíveis de decoração do capitel e da base, na parte posterior.

$$\text{Dimensões: } 63 \times \begin{Bmatrix} 30 \\ 29 \\ 31 \end{Bmatrix} \times \begin{Bmatrix} 30 \\ 29 \\ 33 \end{Bmatrix} .$$

Campo epigráfico: 27×29 .

[C]ASABIVS / [T]VRRILLI F(*ilius*) / V(*otum*) · S(*olvit*) ·
L(*ibens*) · M(*erito*) / R[?] · C[?]

Casábio, filho de Turrilo, cumpriu o voto de bom grado e merecidamente a R(?)C(?).

Altura das letras: l. 1: 3,5; l. 2: 3,5; l. 4/5; l. 4: 4.

Espaços interlineares: 1: 2; 2: 1/1,5; 3: 2; 4: 6.

Quanto à paginação, é de referir o facto de a inscrição estar puxada acima, sendo, deste modo, o último espaço interlinear bastante mais alto do que os três primeiros. Nota-se, ainda, falta de regularidade não só na altura (vejam-se o S, L e M da terceira linha) e largura das letras (veja-se o M da terceira linha), como também na altura dos outros espaços interlineares. Verifica-se uma inclinação para a esquerda, de toda a inscrição. Não há vestígios de linhas auxiliares. Há «puncti distinguentes», circulares, na terceira e quarta linhas. Deveria haver um ponto entre *Turrilli* e *Filius*, o que não se verifica por falta de espaço disponível.

Quanto às letras propriamente ditas, é de reparar na simetria do B, não sendo curvas as suas «barrigas»; a grafia dos SS e dos RR é heterogénea, parecendo estes últimos ter sido feitos a partir de PP.

Foram afectadas pela erosão as duas primeiras e última letras da primeira e segunda linhas, bem como a primeira letra da terceira linha.

Lemos *Casabius* na primeira linha e *Turrilli* na segunda. O genitivo *Casabi* regista-se em Cárquere, concelho de Resende (*ILER* 2313 = *CIL* II 5577); *Turrillus*, talvez derivado de *Turrius*, documentar-se-ia, aqui, pela primeira vez. Na Gália Lugdunense regista-se um *Turrilio* (ALBERTOS, *O. Hisp.* 1966, p. 239).

Há lógica na distribuição do texto: primeiro, o nome do dedicante, seguido do patronímico e da fórmula habitual, finalmente o teónimo.

O texto é claro e legível; as letras e pontos estão bem incisos.

Trata-se de uma inscrição votiva, em que o dedicante se identifica à maneira indígena, só através de um nome, *Casabius*. A seguir ao patronímico *Turrillus*, cuja presença não nos deixa dúvidas sobre a condição livre do dedicante, vem a fórmula *Votum Solvit Libens Merito*, característica deste tipo de inscrições. Não figura, no entanto, o motivo da dedicatória. Apesar de não ser vulgar o teónimo aparecer no final da inscrição (ou figura no início, ou entre o nome do dedicante e a fórmula votiva), e as divindades indígenas, de carácter local ou regional, aparecerem em sigla (normalmente isso só se verifica no caso de cultos muito generalizados, por ex.: I.O.M. e D.M.S.), cremos que, no presente caso, as siglas RC dizem respeito, provavelmente, ao nome da



Foto 17

divindade acompanhado de epíteto. Em nosso entender, tratar-se-á, eventualmente, de um culto indígena, de âmbito local. Não são, porém, conhecidos no concelho, outros elementos, que nos permitam uma identificação mais precisa do mesmo.

Esta ara, enquanto cumprimento de um voto por parte de um indígena a uma divindade local, à maneira romana, é, sem dúvida, um testemunho irrefutável da romanização, de que foram alvo os cultos indígenas na Lusitânia.

Pelo tipo de letra, poder-se-á situar no séc. II d.C.

MARIA LUCIANA LOPES TOMÉ

EPITÁFIO DE UM OLISIPONENSE NA AREA
DO CONCELHO DE BEJA
(*Conventus Pacensis*)

Foto 18

Encontra-se na colecção arqueológica do pároco de Nossa Senhora das Neves, freguesia rural do município de Beja, uma placa rectangular de mármore de Trigaches, de cor cinzenta azulada, com o epitáfio de um olisiponense.

Esta inscrição foi trazida duma outra colecção arqueológica que estava no Monte da Chaminé, freguesia de Santa Vitória, concelho de Beja, mas o seu actual proprietário ignora o local exacto, e a data, do seu achamento.

Dimensões: $45,5 \times 31,5 \times 6$.

M(arcus) IVLIVS AVITVS O/LISIP(onensis) · ANNOR(um) /
XXX (triginta) · H(ic) S(itus) · E(st).

Altura das letras: l. 1: 4,5; l. 2: 4,5 (T = 6); l. 3: 4 (O = 2);
l. 4: 4.

Os pontos de separação são *hederae*.

A inscrição ocupa toda a parte superior do suporte descendo a 27 cm; abaixo e à direita, no espaço não epigrafado observam-se duas perfurações, uma circular e outra rectangular estreita, que implicam uma reutilização do suporte.

As letras, bastante regulares, podem, formalmente, ser atribuídas ao séc. III, considerando o traçado do M e o balanceado da barra do T.

Deste *M. Iulius Avitus* conhecem-se pelo menos dois homónimos (*CIL*, II, 300 e 301) igualmente em inscrições funerárias, encontradas na região de Sintra, e hipoteticamente seus familiares, o que indica uma certa 'vulgaridade' do uso deste conjunto onomástico na área da *Felicitas Iulia Olisipo*.

Quanto à referência epigráfica a olisiponenses conhecemo-la em Justino Mendes de ALMEIDA e Fernando Bandeira FERREIRA,

Varia epigraphica (Nova Série), «Rev. Guim.», LXXV, p. 97-101 (de Vila Franca de Xira), em *CIL*, II, 327 e 328 (ambas de Santarém), A. Vieira da SILVA, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa 1944, p. 265 (da Ribeira de Santarém), *CIL*, II, 5240 (de Condeixa-A-Velha)⁽¹⁾, A. Vieira da SILVA, *op. cit.*, p. 266-267 (de Arouca)⁽²⁾ e em *CIL*, II, 959 (de Riotinto, Huelva). Também será olisiponense, segundo F. Russell CORTEZ, um militar da *leg. X gem. vict.*, referido num cipo de Santa Marinha, Gaia (cf. *Hispania Antiqua Epigraphica*, n.º 465).

A forma abreviada *olisip.* desta inscrição ocorre também na de Vila Franca de Xira.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

(¹) Cf. tb. *Fouilles de Conimbriga*, II, Paris 1976, p. 55-56.

(²) Cf. tb. SCARLAT LAMBRINO, *Le nom Aefus et la cité d'Avobriga en Lusitanie*, separata do «Bulletin des Études Portugaises», XXII, Lisboa 1960, p. 6-11.



Foto 18

PLACA FUNERÁRIA DE ORJAIS (*C. Scallabitanus*)

Foto 19

Placa funerária em granito, encontrada no interior de uma casa de habitação, na povoação de Orjaís, concelho da Covilhã. O dono ignorava a sua exacta proveniência. Está actualmente no Museu Eduardo Malta, da Covilhã (N.º de inventário: 13).

Dimensões: 26 × 48,5 × 18.

CAMIRA · SVNVAE · LIB(erta) / AN(norum) · XXV (*viginti
quinque*) H(ic) S(ita) E(st) / DOCQVIRVS CATVENI / ET · SVNVA
DOCQVIRI / ⁵LIB(erti) · FIL(iae) · F(aciendum) · C(uraverunt).

Aqui jaz Camira, liberta de Súnua, de vinte e cinco anos. Doquiroy, liberto de Catueno, e Súnua, liberta de Doquiroy, mandaram fazer à filha.

Altura das letras: l. 1: 3/3,5; l. 2 e 3: 2,5/3,5; l. 4 e 5: 3/3,5. Espaços: 1: 3,5; 2: 1,5; 3 e 4: 1; 5: 4.

Paginação correcta, com obediência a um eixo de simetria. Notam-se os M com o vértice inferior ao nível da base, os travessões dos A inclinados; os S maiores que as outras letras. Os espaços interlineares são pequenos, «amontoando-se» as linhas. Repare-se ainda nos espaços deixados à frente das siglas H e S (l. 2), F e C (l. 5), como que a indicar as palavras que representam.

Camira não aparece fora da Península Ibérica (PALOMAR LAPESA, *O. Lus.* 1957, p. 58); M. Lourdes ALBERTOS («Emerita» XXXII 1964, p. 235) também se lhe refere. *Docquirus* e *Catuenus* são nomes indígenas recolhidos por PALOMAR LAPESA (*o. c.*, p. 61 e 70) e M. Lourdes ALBERTOS (*loc. cit.*, p. 238 e 244).

LUÍS PLÁCIDO



Foto 19

FRAGMENTO DE CIPO FUNERÁRIO
ACHADO EM MOMBEJA, BEJA
(*Conventus Pacensis*)

Foto 20

Encontra-se no Museu Regional Rainha D. Leonor, Beja, proveniente dos arredores do Monte da Corte Negra, freguesia de Mombeja, concelho de Beja, um fragmento de cipo funerário, em granito, com evidentes vestígios de ter sido reutilizado.

Dimensões: $70 \times 26 \times 33$.

Campo epigráfico: 24×18 .

O campo epigráfico está limitado por simples sulco o que é frequente na epigrafia da região. Do texto restam-nos quatro linhas incompletas por efeito da reutilização que cortou longitudinalmente o lado esquerdo do suporte.

Leitura proposta:

D(is) · [M(anibus)] [...] / L(ucio) · I(ulio) · G(aleria tribu)
AR[CON]/I · AN[N(orum)] [...] / H(ic) S(ito) [E(st)] .

A *ordinatio* é muito cuidada e as letras, regulares, medem de altura entre 4 e 4,5. Pelo traçado das letras, nomeadamente o D, e pela natureza do suporte, esta inscrição pode ser datada de fins do séc. I d.C. a inícios do séc. II.

A leitura proposta baseia-se na existência de pontos de separação na l. 2, depois do L, do I e do G, o que faz supor uma abreviatura por sigla do *praenomen*, do gentílico e da tribo.

Para a abreviatura por sigla de *praenomen* e do gentílico, temos paralelo numa *cupa* (CIL, II, 106), também do convento pacense, que refere um L(ucius) · I(ulius) · Polibius; a abreviatura da tribo Galéria por sigla é também conhecida, nomeadamente na região de Lisboa (CIL, II, 288 e 290). O cognome proposto, Arco, é igualmente conhecido na Lusitânia (CIL, II, 5223, de Mafra, 668 e 671 de Trujillo, e 948, «inter pacenses»).

MARIA MANUELA ALVES DIAS



Foto 20